

## **A primeira leitura**

Pedro ainda não estava dormindo quando Camila voltou ao assunto.

A mesa do jantar continuava ocupada por copos, um prato esquecido e a pequena desordem de fim de dia. Paulo mexia no celular, talvez lendo qualquer coisa, ou apenas ganhando alguns minutos antes de encarar de novo uma decisão que os dois vinham adiando.

— Precisamos decidir isso agora — ela disse. — Não dá para deixar passar mais um mês.

Paulo apoiou os braços sobre a mesa.

— O que mais te preocupa?

Camila demorou um pouco. Não procurava uma resposta bonita. Tentava dizer direito uma coisa que vinha incomodando.

— Escolher uma escola em que ele não fique bem... e a gente só perceber isso tarde demais.

A frase não tinha linguagem pedagógica. Não falava de metodologia, currículo, proposta, indicadores ou resultado. Mas encostava no ponto. A preocupação não era encontrar uma escola boa em abstrato. Era escolher um lugar antes de saber como aquele lugar trataria Pedro quando ele estivesse lá dentro, longe dos olhos deles, numa manhã comum.

Esse tipo de conversa acontece em muitas casas antes da matrícula. As palavras mudam, mas por baixo delas aparece a mesma angústia: como saber agora aquilo que só vai se revelar depois?

Quando uma família marca uma visita, ela já chega com hipóteses, receios, pequenas expectativas e uma atenção que nem sempre admite ter. Antes mesmo de a coordenadora começar a apresentação, a família está lendo.

Parte dessa atenção nasce da responsabilidade de escolher. Parte nasce de culpa, comparação, experiências anteriores ou medo de errar com o filho. A primeira conversa não cura essa insegurança. Mostra

apenas se existe ali uma instituição capaz de escutar sem transformar cada medo em promessa.

No sábado em que foram ao Aurora, os Moraes chegaram dez minutos antes do horário combinado. Pedro entrou segurando a mão da mãe e olhando em volta com aquele silêncio de criança que ainda não sabe se quer explorar ou se esconder. A recepção estava tranquila. Duas famílias aguardavam atendimento. Uma funcionária organizava papéis no balcão.

Enquanto esperavam, Pedro viu um painel com desenhos expostos no corredor.

— Isso foi criança que fez?

A recepcionista ouviu e respondeu:

— Foi sim. Cada turma deixa um pedaço da escola por aqui.

A frase saiu simples, quase automática. Não veio com pose de apresentação. Não parecia ensaiada. Mais tarde, no carro, Camila lembraria exatamente desse momento. Diria que gostou do jeito da recepcionista responder: sem exagero, sem transformar a pergunta do menino numa cena de encantamento.

Antes de ouvir sobre metodologia, currículo ou rotina, Camila já observava a recepção, o cuidado do corredor, a pressa ou a calma dos adultos, a resposta dada a uma pergunta que não estava no roteiro.

Um corredor pode sugerir cuidado ou improviso. Uma recepção pode acolher ou intimidar. Um mural pode mostrar autoria dos alunos ou apenas enfeitar uma parede. Uma sala pode parecer usada, viva, atravessada por rotina, ou montada para visita.

Famílias nem sempre sabem nomear esses sinais. Mas eles entram na decisão. Pesam no corpo antes de virar argumento. A escola pode preparar uma apresentação excelente. Se o espaço diz outra coisa, a família sente a diferença.

Na reunião, a coordenadora apresentou a proposta do Aurora. Falou da adaptação das crianças pequenas, do trabalho com linguagem, do acompanhamento das famílias, dos horários, dos projetos e da transição para os anos seguintes. Camila ouvia com atenção. Paulo anotava

algumas coisas no celular. Pedro alternava entre o colo da mãe e a observação dos objetos da sala.

Em determinado momento, Camila perguntou:

— E quando a criança demora mais para se adaptar? Como vocês percebem isso?

A coordenadora respondeu:

— Cada criança mostra isso de um jeito. Algumas falam, outras mudam comportamento, outras demoram mais para entrar na rotina. Nosso trabalho é observar cedo para não deixar a adaptação virar sofrimento silencioso.

Camila assentiu de leve. Quase fez outra pergunta. Em vez disso, olhou um instante a mais para a coordenadora, como quem precisa de alguns segundos para decidir o que faz com aquela frase.

Paulo anotou alguma coisa.

Mais tarde, já em casa, os dois voltaram ao assunto.

— Gostei da escola — disse Paulo.

Camila ficou alguns segundos em silêncio.

— Eu também gostei.

Ele esperou.

— Só não sei ainda se gostei da escola mesmo ou do jeito como ela apareceu hoje.

Paulo entendeu.

A visita tinha sido boa. Por isso mesmo, precisava ser separada da escola que eles encontrariam depois. A escola da visita estava no seu melhor momento: espaço preparado, discurso organizado, escuta atenta, respostas cuidadosas, agenda reservada. Nada disso é falso. Receber bem uma família faz parte da responsabilidade da instituição. O risco está em confundir esse momento com a escola inteira.

A escola vivida terá manhãs corridas, mensagens pelo aplicativo, atrasos, desencontros, criança chorando na entrada e família esperando retorno. Em todas essas situações, a instituição precisará responder sem a calma de uma visita agendada. Mesmo quando a primeira impressão é boa, a decisão continua aberta por dentro.

Dois dias depois, Camila comentou com uma amiga:

*A escola que faz sentido*

— A escola parece boa, mas fico pensando em como ela é quando ninguém está apresentando nada.

A amiga respondeu:

— Dá mesmo esse medo.

A escolha nem sempre se apoia no argumento mais forte. Às vezes se apoia naquele detalhe que fez a mãe pensar: aqui meu filho seria visto.

Essa confiança inicial ainda é frágil. Abre uma fresta, nada mais. Mas, no começo, uma fresta já muda a visita.

Os Moraes ainda visitariam outra escola antes de decidir. Comparariam propostas, fariam contas, ouviriam opiniões, conversariam de novo depois que Pedro dormisse. Mas o Aurora continuou aparecendo nas conversas dos dias seguintes. Não por causa do material entregue. Nem pela explicação da grade curricular.

O que voltava era outra coisa.

— Gostei do jeito como ela respondeu quando você perguntou da adaptação — disse Paulo.

— Também fiquei com isso na cabeça — respondeu Camila.

Era o começo de uma leitura.

Antes da matrícula, a família não conhece a escola inteira. Conhece sinais: o cuidado de um corredor, a naturalidade de uma recepcionista, o tom de uma coordenadora diante de uma pergunta que importa. Ainda falta quase tudo para saber, mas uma imagem já começou a se formar.

No caminho de volta, Camila ainda não tinha decidido nada. Lembrava do painel de desenhos, da resposta da recepcionista e do jeito como a coordenadora falou da adaptação. A escola continuava na lista. Agora, porém, tinha rosto.

